

Jazz

14 Outubro 2011

Vijay Iyer Trio

Historicity

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Vijay Iyer
Contrabaixo Stephan Crump
Bateria Marcus Gilmore

Sex 14 de Outubro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M12

Um gigante aos ombros de gigantes

Não há muitos *jazzmen* que à prática aliem uma actividade de reflexão escrita sobre a música que fazem. Vijay Iyer é um deles. A este nível, começou por se fazer notado na década de 1990 pelos seus ensaios a propósito do colectivo M-Base. Mais recentemente, contribuiu para o volume quatro da antologia *Arcana*, coordenada por John Zorn com o fito de devolver aos próprios músicos uma análise que, habitualmente, está entregue a críticos e jornalistas musicais. Estes, segundo o saxofonista, regra geral não sabem o que dizem...

Não será esse o entendimento de Iyer, mas o pianista e compositor que ora nos visita com o seu trio e o projecto *Historicity* salienta a importância dessa grande linhagem de músicos que escreveram ou falaram sobre jazz como Duke Ellington, Charles Mingus, Sun Ra, Anthony Braxton, Wadada Leo Smith e Horace Tapscott, entre outros, realizando o mesmo tipo de investimento que, na área da música “erudita”, tiveram Olivier Messiaen, John Cage, Karlheinz Stockhausen e Harry Partch.

«Um dos meus livros favoritos é *Notes and Tones*, uma colecção de entrevistas com outros músicos realizada pelo baterista Art Taylor. Outro notável é o de George Lewis sobre a AACM, *A Power Stronger Than Itself*. De assinalar, igualmente, aqueles que escrevem as *liner notes* dos seus discos e que criaram um género literário por direito próprio. Acarinho muito esse investimento, pois revela a perspectiva não intermediada do artista e do momento histórico

particular em que vive. No discurso dos músicos o que se encontra é um esclarecedor contraponto à sua música», considera Vijay Iyer.

Não é por “sentido de responsabilidade” para com os seus pares ou para com os seus ouvintes que também Iyer se dedica a essa tarefa: «Não sei quem é que me lê. Faço-o apenas para anotar o trabalho que vou desenvolvendo e para compreender o mundo um pouco melhor. Os meus escritos foram-se acumulando e estou contente por ter documentado esses processos de pensamento.»

Os seus textos sobre a estética M-Base acompanharam o período em que colaborou com Steve Coleman, entre 1995 e 2001, ou seja, já depois da vigência daquele “movimento”. Passados 15 anos, ganhou um distanciamento relativamente às suas temáticas que o ajudou a perceber que as acções de Coleman, Graham Haynes, Cassandra Wilson, Greg Osby, Gery Allen e outros nos anos 1980 devem ser contextualizadas nessa época, pois foi então que fizeram todo o sentido, ou melhor, que foram necessárias, as experimentações realizadas em termos de ritmo, forma, espaço, melodia, harmonia e instrumentação.

Ainda assim, algo lhe ficou do ideário M-Base, designadamente quanto a um cavalo de batalha deste: a confluência das várias expressões da musicalidade afro-americana. Além de, com o piano, Vijay Iyer tocar um jazz que tudo deve ao património deste instrumento, com a electrónica, sejam os teclados como a tecnologia de estúdio, e seja enquanto músico como na qualidade de produtor de outros artistas, os seus interesses abarcam o hip-hop, a música de dança

e o techno. Mas não só: enquanto compositor, tem assinado ainda obras de câmara e orquestrais no seguimento da tradição clássica europeia.

Comenta a propósito aquele que é apontado como um dos mais importantes baluartes do actual jazz nova-iorquino: «Foi a combinação da abertura a muitas influências, ocidentais ou não, o trabalho duro e o rigor ao nível do detalhe que deram ao M-Base o seu carácter, mais do que quaisquer noções musicais específicas. Foi isso que mais me influenciou e que é uma referência para muitos, estabelecendo um *standard* que eu e outros colegas nos esforçamos por manter.»

É este posicionamento, de resto, que faz com que Iyer seja tanto respeitado pelos amantes do *mainstream* como pelos seguidores das vanguardas do jazz e até da new music. Num artigo que publicou em 2010 na revista *JazzTimes* sobre Thelonious Monk, a sua maior referência pianística e composicional, chama a atenção para o facto de aquela figura cimeira do be bop ter sido um experimentalista. Mais: um exemplo para todos quantos pretendem imaginar um futuro para o jazz que não seja a mera reprodução do que já se fez no passado.

«Monk e outras personalidades da história desta música eram inovadoras no seu tempo. Ora, isso determinou que fossem, ou marginalizados, ou aceites pelos motivos errados. Na altura as pessoas achavam Thelonious Monk demasiado dissonante e difícil, mas o certo é que ele conseguiu manter uma carreira, em parte devido à popularidade que, apesar de tudo, conquistou, mas também porque teve patronos como Alfred Lion, George Wein e a “Baronesa”.

Os valores representados pela sua obra continuam a ser muito especiais e raros. Aliás, vai-se dizendo com ironia que Monk nunca poderia ganhar hoje a Thelonious Monk Jazz Piano Competition», elucida.

Em outro texto, “Uncertainty Principles” (*All About Jazz*, 2008), assinala Vijay Iyer que são numerosos os casos de músicos de jazz que também se movimentam em outros idiomas musicais. Nem por isso relativiza a identidade desta linguagem que incorporou elementos de outras e influenciou muitas das demais. «Para mim, o termo “jazz” representa a história de indivíduos heróicos que se arriscaram e abriram caminhos onde nada existia. O jazz não é um estilo de música, mas uma história: a de uma comunidade oprimida nos subúrbios da América que sonhou o impossível, criou algo contra todas as probabilidades e mudou o mundo», refere.

Para todos os efeitos, desde as suas origens que o jazz é um híbrido: «Não nos esqueçamos da *Spanish tinge* de Jelly Roll Morton, da colaboração de Charlie Parker com Chano Pozo e do interesse que tinha por Varèse, bem como dos encontros de Coltrane com Ravi Shankar que influenciaram as versões que fez de *My Favorite Things* e ainda das cumplicidades de Ornette Coleman com Buckminster Fuller – tudo coisas que aconteceram entre 100 e 50 anos atrás.»

Filho de imigrantes indianos nos EUA, Vijay Iyer vem procurando inscrever no jazz as perspectivas muito próprias que partilha com outras figuras de origem asiática, como por exemplo Rudresh Mahanthappa e Jason Kao Hwang. Uma difícil batalha, para mais numa conjun-

tura em que este género musical parece ter deixado de estar identificado com a comunidade afro-americana que o fez nascer. «A verdade é que, em proporção, continuam a ser mais os negros do que os americanos europeus a ouvirem-no. É preciso não esquecer que os afro-americanos representam apenas 12% da população dos Estados Unidos e que neste país a riqueza e os recursos estão desproporcionadamente distribuídos. A média do património líquido de uma família branca é de 103 000 dólares, enquanto a de uma família negra é de 5000 dólares. Fica muito caro ir a concertos de jazz na América, pelo facto de não ser apoiado pelas fundações privadas e pela infra-estrutura governamental.»

Se proliferaram os programas educativos de jazz nas últimas décadas, tal aconteceu junto das comunidades brancas... «Muitos dos jovens músicos brancos de jazz formaram-se graças a essas iniciativas escolares, enquanto os músicos negros continuam a aprender música nas igrejas. Seja como for, esses programas foram agora desorçamentados. Se o jazz está a tornar-se “branco”, deve-se tal à desigualdade de acesso ao estudo e a forças sistémicas que continuam a dar aos músicos brancos mais oportunidades do que aos músicos de cor.»

O que suscita o seguinte comentário a Iyer, juntando a sua voz enquanto artista de uma minoria étnica à da minoria negra que inventou a música que toca: «O que posso fazer enquanto músico de cor que vive e trabalha no Ocidente é apresentar as minhas ideias o mais claramente possível e manter-me informado sobre estas questões, dado que me afectam todos os dias.»

Em paralelo com a música, o pianista tem formação superior em Física. O doutoramento fê-lo, contudo, em Tecnologia e Arte na University of California, com uma tese sobre a cognição e a percepção musicais, subordinadas a uma avaliação transdisciplinar: «Estudei as formas como as nossas mentes e os nossos corpos geram música, compreendem a música e a ela respondem. Alguns dos aspectos correspondem aos meus interesses científicos, mas outros são relevantes para a minha vida como músico.»

Além de Monk, a “historicidade” do pianismo de Vijay Iyer passa por Duke Ellington, Bud Powell, Herbie Nichols, Elmo Hope, Randy Weston, Andrew Hill, Cecil Taylor, Sun Ra, McCoy Tyner e Muhal Richard Abrams: «A maior parte destes pianistas também compunha ou compõe, o que quer dizer que revisitaram ou revisitam constantemente os fundamentos do som no tempo, bem como as maneiras como se organizam os eventos sonoros e se equilibram as energias. Eles não pensavam, ou não pensam os que permanecem vivos, nas notas, mas nos sons propriamente ditos, nos acontecimentos sonoros, a assemblar. É o que faço igualmente...»

Eis, pois, um trio de piano-jazz que não passa pelo eixo Bill Evans – Keith Jarrett – Brad Mehldau, como hoje é habitual acontecer não obstante estar-se a circunscrever numa só via aquela que é uma riquíssima, plural e antiga herança. Essa é uma das principais diferenças prometidas por *Historicity* relativamente ao modelo em voga. Outra está na atitude assumida e que partilha com toda uma nova geração de nomes do jazz: «Trata-se de um grupo de pessoas com

visões muito fortes enquanto criadores. Quando encontro alguém com esse perfil, procuro estabelecer uma parceria, como é o caso dos elementos do meu trio, o contrabaixista Stephan Crump e o baterista Marcus Gilmore. Trabalho com Rudresh há mais de 15 anos, com Steve Lehman há quase oito, com Tyshawn Sorey há dez, com Liberty Ellman desde 1994. Posso indicar outros, como Okkyung Lee, Matana Roberts, Craig Taborn. Temos os nossos projectos individuais, mas fomo-nos juntando em configurações diferentes. Construimos coisas novas e progredimos em conjunto. Desafiamo-nos mutuamente e tentamos sempre expandir as bases desta música.»

O que os une é a prossecução daquilo a que se chama “música criativa”, tal como a definiram a Association for the Advancement of Creative Musicians, o Black Artists Group, o M-Base, o Black Arts Movement e outros colectivos que emergiram entre a década de 1960 e a de 1990: «Muitos de nós tivemos a oportunidade de tocar com os pioneiros dessas organizações, pelo que nos permitimos “subir aos ombros dos gigantes”.»

É assim que, se Iyer é um dos mais inigualáveis protagonistas do piano contemporâneo de jazz, nada do que nos propõe vem de uma torre de marfim construída à altura das nuvens. As mãos que faz dançar sobre as teclas são as suas, mas também as de muitos outros que viveram antes ou que com ele co-habitam neste mundo.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista jazz.pt

Vijay Iyer Trio

O aclamado pianista Vijay Iyer e os seus colegas Marcus Gilmore (bateria) e Stephan Crump (contrabaixo) actualizam o clássico trio de piano jazz, criando uma nova música, poderosa, inovadora, firmemente alicerçada no *groove* e na pulsação, mas também ritmicamente complexa e muito interactiva. Fluida na improvisação, misteriosamente sincronizada. Emocionalmente estimulante e inovadora na textura, no estilo e na forma musical. A sua música é influenciada pelos grandes pianistas da história do jazz como Thelonious Monk, Duke Ellington, Andrew Hill e Cecil Taylor, pela sonoridade de compositores eruditos como Reich, Ligeti, Debussy e Bartók, por uma enorme variedade de géneros musicais como o rock, soul, funk, hip-hop, dub, electrónica e música africana, pela vitalidade rítmica e as gradações melódicas da música da herança indiana de Iyer. Howard Reich escreveu no *Chicago Tribune*: “Os três músicos tornaram-se praticamente num único organismo rítmico... uma das grandes unidades rítmicas actuais”. Este trio está documentado nos álbuns de *Vijay Reimagining* (Savoy/Pi, 2006), *Tragicomic* (Sunnyside, 2008) e *Historicity* (ACT, 2009) a que se seguirá, em 2012, um novo álbum também para a editora ACT.

Vijay Iyer

Vijay Iyer, pianista-compositor nomeado para os Grammy, foi descrito por *Pitchfork* como “um dos jovens pianistas

mais interessantes e vigorosos da actualidade”, pelo *The New Yorker* como “dos mais importantes pianistas de hoje... extremamente dotado... brilhantemente eclético” e pelo *Los Angeles Weekly* como “uma jovem estrela muito importante e sem limites”. Foi votado em 2010 como Músico do Ano pela Jazz Journalists Association e nomeado como um dos “50 indianos mais influentes” pela *GQ Índia*. Iyer publicou quinze álbuns como líder. Os três mais recentes foram *Tirtha* (2011), *Solo* (2010) e o multi-premiado e já referido *Historicity* (2009). *Historicity* foi nomeado para os Grammy em 2010 na categoria do Melhor Álbum de Jazz Instrumental e nomeado Melhor Álbum de Jazz do Ano pelos *The New York Times*, *The Los Angeles Times*, *Chicago Tribune*, *Detroit Metro Times*, National Public Radio, PopMatters.com, pelos críticos reunidos quer por *The Village Voice*, quer pela *Downbeat*. O trio ganhou em 2010 o prémio Echo (o equivalente alemão aos Grammy) na categoria de melhor conjunto internacional, e os críticos da *Downbeat* elegeram-no “pequena banda emergente do ano”. De entre as múltiplas distinções que Iyer recebeu incluem-se o Alpert Award in the Arts, uma Bolsa da New York Foundation for the Arts e numerosas encomendas como compositor.

Iyer colaborou com Steve Coleman, Roscoe Mitchell, Wadada Leo Smith, Rudresh Mahanthappa, Rez Abbasi, Craig Taborn, Ambrose Akinmusire, David Binney, Dafnis Prieto, Liberty Ellman, Steve Lehman, Butch Morris, George Lewis, Amina Claudine Myers, Miya Masaoka, Pamela Z, Dead Prez, Das Racist, Imani Uzuri, John Zorn,

DJ Spooky, Karsh Kale e Talvin Singh; mas também com os realizadores Haile Gerima e Bill Morrison, o coreógrafo Karole Armitage e os poetas Mike Ladd, Amiri Baraka, Charles Simic e Robert Pinsky. As suas composições foram interpretadas por Ethel, JACK, Brentano String Quartet, American Composers Orchestra, Hermès Ensemble e Imani Winds. Um erudito, cuja carreira abrange as ciências, as humanidades e as artes, Iyer tem um Bacharelato em Matemática e Física pela Universidade de Yale, um Mestrado em Física e um doutoramento em Tecnologia e Artes pela Universidade de Califórnia, Berkeley. Publicou artigos em *Journal of Consciousness Studies*, *Wire*, *Music Perception*, *JazzTimes* e *The Best Writing on Mathematics: 2010*.

Para mais informação:
www.vijay-iyer.com

Stephan Crump

Stephan Crump é um contrabaixista e compositor criado em Memphis e uma estrela emergente na cena musical de Nova Iorque. Fugindo às barreiras dos géneros, tocou e gravou nos EUA e por todo o mundo com muitos artistas desde a lenda do blues, já falecido, Johnny Clyde Copeland a Dave McDonald dos Portishead, Patti Austin, Gordon Gano dos Violent Femmes, Big Ass Truck, Dave Liebman, Billy Hart, Sonny Fortune, Greg Osby, Kenny Werner, The Mahavishnu Project e Bobby Previte, entre outros. Como um colaborador antigo de inovadores compositores de jazz (desde 1999 com Vijay Iyer), como com o mago da

guitarra Jim Campilongo e o cantor e compositor Jen Chapin, tornou-se conhecido pela elegância e intencionalidade do seu *groove* na forma como toca o baixo acústico ou eléctrico, e por transformar o seu instrumento em algo que produz uma atracção magnética junto do público. Enquanto compositor, Crump emerge como uma voz singular, alguém que “evita caminhos óbvios e consegue nunca perder o seu rumo” (*New York Times*). A sua música pode ser ouvida em numerosos filmes ou nos seus quatro álbuns, muito elogiados pela crítica, o último dos quais, *Reclamation*, com o seu trio de cordas Rosetta Trio, foi louvado pelo *New Yorker* pelos seus “engenhosos originais”, nomeado como um dos melhores discos do ano pela National Public Radio e declarada “uma discreta maravilha” pela *JazzTimes*. Crump lançou recentemente uma carreira a solo como artista convidado na conferência de 2009 da Sociedade Internacional de Baixistas. Em 2010 saíram novas gravações documentando as suas colaborações de improvisação livre em duo quer com o saxofonista alto Steve Lehman quer com o pianista James Carney.

Para mais informação:
<http://stephancrump.com>

Marcus Gilmore

Marcus Gilmore nasceu em 1986 e foi levado para a música pelo seu avô, o lendário baterista Roy Haynes, que lhe deu a primeira bateria quando tinha 10 anos. Naturalmente, tanto estudou jazz como teoria clássica e percussão. Tocou

por todo o mundo com alguns dos mais conhecidos nomes do jazz, como Chick Corea, Gonzalo Rubalcaba, Natalie Cole, Clark Terry, Cassandra Wilson, Steve Coleman, Ravi Coltrane, Dave Douglas, John Clayton, Christian Scott, Flying Lotus e muitos outros. Gilmore juntou-se ao trio de Vijay Iyer em 2003, com 16 anos de idade. Também lidera a sua própria banda e recentemente estreou uma suite da sua música, uma encomenda, intitulada *American Perspicacity*.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de acções, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto

de medidas adicionais, estando prevista uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas acções não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projecto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em: www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero



Próximo espectáculo

© Mafalda Melo

doclisboa 2011

IX Festival Internacional de Cinema

Cinema de Qui 20 a Dom 30 Outubro
Grande e Pequeno Auditórios - 11h - 23h
Filmes legendados em português



Organização Apordoc - Associação pelo Documentário - Programa disponível em www.doclisboa.org

Com uma nova directora, Anna Glogowski, o doclisboa regressa de 20 a 30 de Outubro, oferecendo o melhor e mais representativo do documentário nacional e internacional, tanto a nível de filmes inéditos em Portugal, quanto a retrospectivas e homenagens a grandes nomes do cinema do real.

Cinquenta anos após o início da luta armada dos povos colonizados por Portugal, um programa original de grande relevância política: uma retrospectiva histórica de filmes sobre as guerras de libertação das colónias portuguesas em África. Um resgate das obras cinematográficas mais significativas filmadas junto dos Movimentos de Libertação, cuja raridade e dispersão prometem reflexão, descobertas e emoção.

Jean Rouch (1917-2004), etnólogo e cineasta, será homenageado com uma mostra que promete ser a maior retros-

pectiva do autor, jamais realizada no país. A sua obra, em constante renovação desde os anos 50 quando começou a filmar em África, influenciou o cinema moderno, até a própria Nouvelle Vague. Uma obra que vem sendo restaurada desde 2008, pelo Centre National de la Cinématographie.

Outra retrospectiva será dedicada a Harun Farocki, um dos mais conceituados realizadores contemporâneos da Alemanha, artista e teórico da media, autor de uma obra variada em filme e vídeo, profundamente politizada.

Os documentários mais relevantes do ano, portugueses e internacionais – curtas e longas – estarão presentes nas várias competições, e na secção «Investigações».

E, mais uma vez, a secção «Riscos» reunirá filmes recentes que estabelecem a ponte entre a ficção, o ensaio e o cinema do real.

Sem esquecer o «Heartbeat», que celebrará a relação entre a música e o documentário.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Joana João *estagiária*

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo *chefe*

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
